

BOLETIM DE CONJUNTURA

76

2014

1º TRIMESTRE

preços de venda

carteira de encomendas

estado dos negócios

tendências

produção e utilização da capacidade

pessoas ao serviço

A P I C C A P S

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS INDUSTRIAIS DE CALÇADO
COMPONENTES E ARTIGOS DE PELE E SEUS SUCEDÂNEOS

Quase 9 em cada 10 empresas inquiridas consideram que o estado dos negócios no primeiro trimestre de 2014 foi bom ou suficiente. No entanto, a evolução da produção e das encomendas ficou aquém das expectativas que as empresas tinham formulado no final do ano anterior. Apesar disso, a indústria de calçado continua a reforçar o emprego. O acesso às matérias-primas e, sobretudo, o seu preço encabeçam as preocupações setoriais.

O otimismo marca as perspetivas para o segundo trimestre. As respostas das empresas inquiridas apontam para o aumento da produção e da carteira de encomendas, para uma tendência de ajustamento em alta dos preços dos produtos e para a continuação do reforço do emprego na indústria de calçado. As projeções favoráveis para a economia internacional, nomeadamente para as economias avançadas, dão alento a este otimismo.

Publicação Trimestral editada pela



ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS INDUSTRIAIS DE CALÇADO COMPONENTES E ARTIGOS DE PELE E SEUS SUCEDÂNEOS

Com o apoio do programa COMPETE

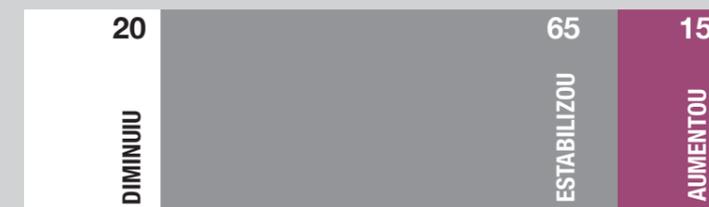
Coordenação Técnica

CEGEA - Centro de Estudos de Gestão e Economia Aplicada da Universidade Católica Portuguesa, Porto

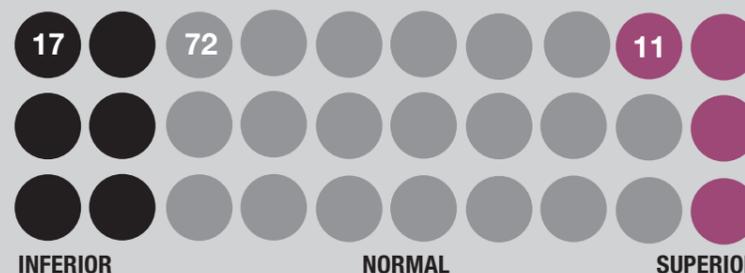
1 - APRECIÇÃO DA SITUAÇÃO DO SETOR NO 1º TRIMESTRE DE 2014

Produção

Quase dois terços das empresas inquiridas (65%) afirmam que, no primeiro trimestre do ano, o seu volume de produção estabilizou. No entanto, contrariando as expectativas existentes, as que registaram uma diminuição excederam as que conseguiram um aumento, gerando um saldo de respostas extremas (s.r.e.) negativo de -5 pontos percentuais (p.p.). À semelhança do que aconteceu na segunda metade do ano anterior, a produção das empresas mais orientadas para o fabrico de coleção de clientes evoluiu de forma mais favorável do que a das restantes.



Utilização da Capacidade



Uma larga maioria das empresas (72%) considera que a **utilização da sua capacidade** produtiva é normal para a época do ano. O saldo de respostas extremas é, no entanto, negativo: as empresas que consideram que está abaixo do normal superam em 6 pontos percentuais as que afirmam o oposto. Também neste aspeto, as empresas mais orientadas para a produção de coleção de clientes se mostram mais satisfeitas do que as restantes.

Carteira de Encomendas

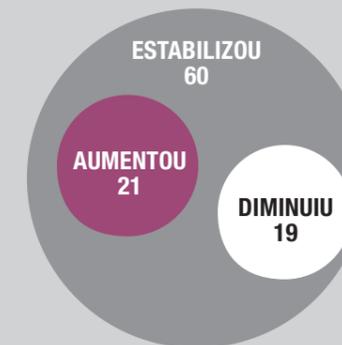
A **carteira global de encomendas** apresenta uma ligeira tendência de decrescimento, sendo o s.r.e. de -4 p.p. No entanto, a maioria das empresas (60%) afirmam que a sua carteira se mantém estável e, entre as empresas de maior dimensão, predominam até as respostas que apontam para o aumento das encomendas

Os resultados são mais favoráveis no que respeita à **carteira de encomendas do estrangeiro**: embora a percentagem das que afirmam que as encomendas estabilizaram seja idêntica (60%), neste caso, são mais as empresas que dizem que as encomendas aumentaram do que as que apontam no sentido inverso (s.r.e. +2 p.p.). Este saldo é acentuadamente positivo entre as empresas de maior dimensão, entre as que se dedicam totalmente à exportação e entre as que se dedicam predominantemente à produção de coleções de clientes.

CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



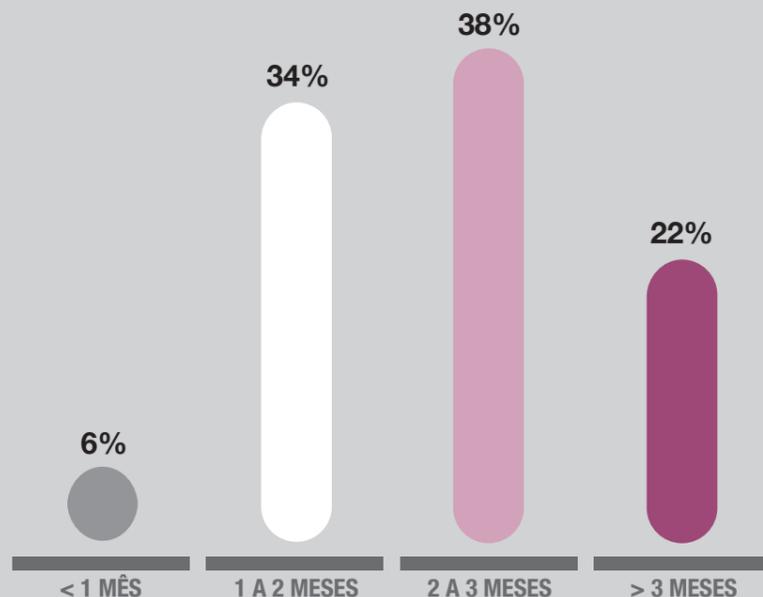
CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO



Horizonte

PRODUÇÃO ASSEGURADA POR ENCOMENDAS

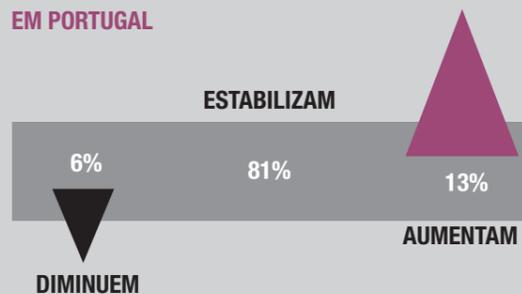
Apesar de a evolução da carteira de encomendas ter ficado aquém das expectativas das empresas, apenas 6% das inquiridas afirmam ter menos de 1 mês de produção assegurada. A situação mais comum, correspondente a 38% das respostas, é a existência de uma carteira suficiente para garantir 2 a 3 meses de produção. Quase uma em cada quatro empresas diz, mesmo, ter a atividade garantida por mais de 3 meses, situação particularmente comum entre as de maior dimensão.



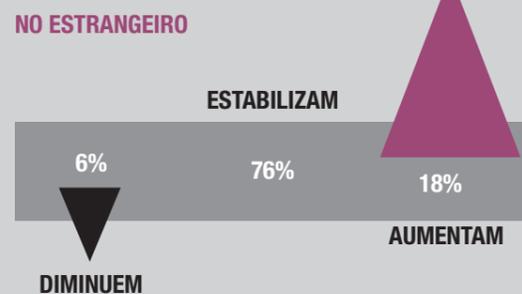
Preços

Tal como as empresas previam, o ano iniciou-se com uma tendência de subida dos preços, tanto em Portugal, como no estrangeiro. As empresas que indicam ter registado uma subida dos preços excederam as que apontaram para a sua redução em 7 p.p., no caso do mercado nacional, e em 12 p.p., quanto aos mercados externos, os valores mais elevados do último ano.

EM PORTUGAL



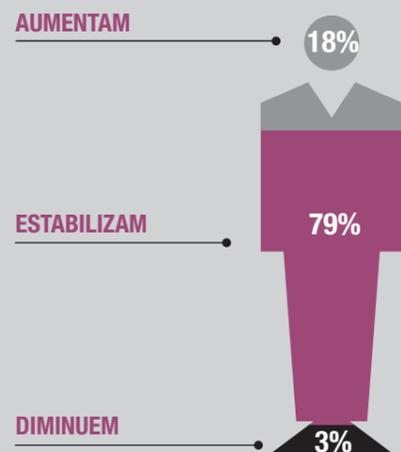
NO ESTRANGEIRO



Pessoas ao serviço

EVOLUÇÃO DO EMPREGO

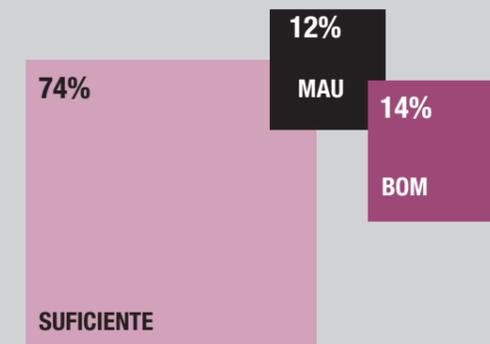
A indústria do calçado continua a mostrar uma forte dinâmica de crescimento do emprego, com as empresas que dizem que o número de pessoas ao seu serviço aumentou a superarem em 15 p.p. as que afirmam que diminuiu, repetindo praticamente o resultado recorde registado no final do ano anterior. Esta dinâmica é comum às empresas de todos os escalões de dimensão mas é particularmente forte entre as maiores e as mais orientadas para os mercados externos.



Estado dos negócios

Três em cada quatro empresas afirmam que o atual estado dos negócios é suficiente e as que sentem que o estado dos negócios é bom excedem as que pensam que é mau em 2 p.p. Apesar de positivo, este saldo é o mais baixo dos últimos 5 trimestres, refletindo a evolução menos favorável da produção e das encomendas, neste início de ano.

Ainda assim, as empresas que pensam que o estado atual dos negócios é melhor do que o registado no primeiro trimestre do ano anterior são mais do que as que entendem que é pior (s.r.e. +5 p.p.). A maioria dos inquiridos (55%) considera, no entanto, que a conjuntura permanece sensivelmente idêntica.



PERÍODO HOMÓLOGO

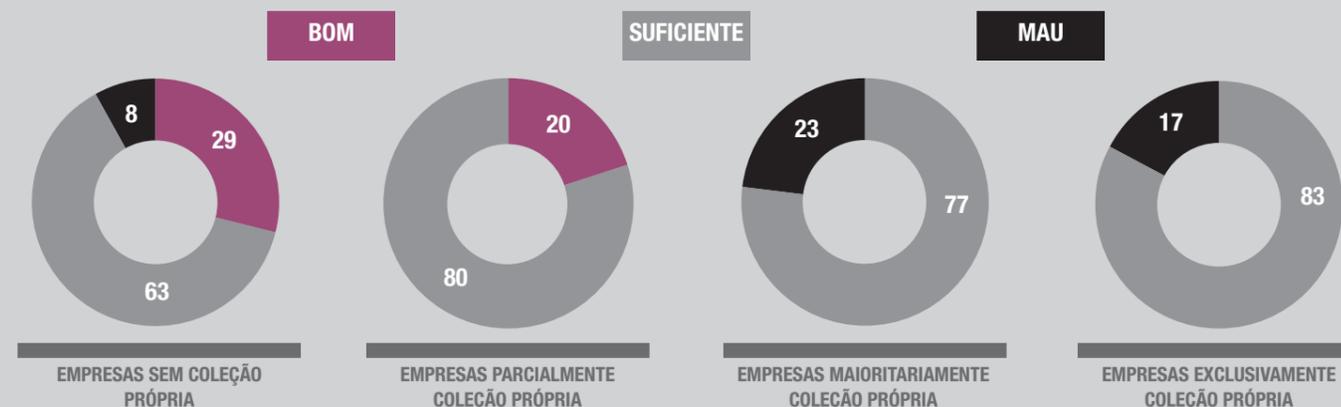


Estado dos negócios por dimensão da empresa, orientação de mercado e peso da coleção própria nas vendas.

Neste trimestre, procedeu-se a uma redefinição dos escalões de dimensão e orientação de mercado, para os adaptar à evolução da composição da amostra. Em termos de dimensão, as empresas são agora classificadas como pequenas (até 50 trabalhadores), médias (de 50 a 100 trabalhadores), grandes (de 100 a 250 trabalhadores) e muito grandes (acima de 250 trabalhadores). E, em termos de orientação de mercado, distinguimos empresas

com orientação nacional (menos de 50% de exportações), moderadamente exportadoras (50 a 75%), fortemente exportadoras (75 a 95%) e totalmente exportadoras (mais de 95% de exportações).

Em consonância com as respostas anteriores, as empresas mais vocacionadas para o fabrico de coleções de clientes avaliam mais favoravelmente a conjuntura do que as restantes.



Limitações à produção

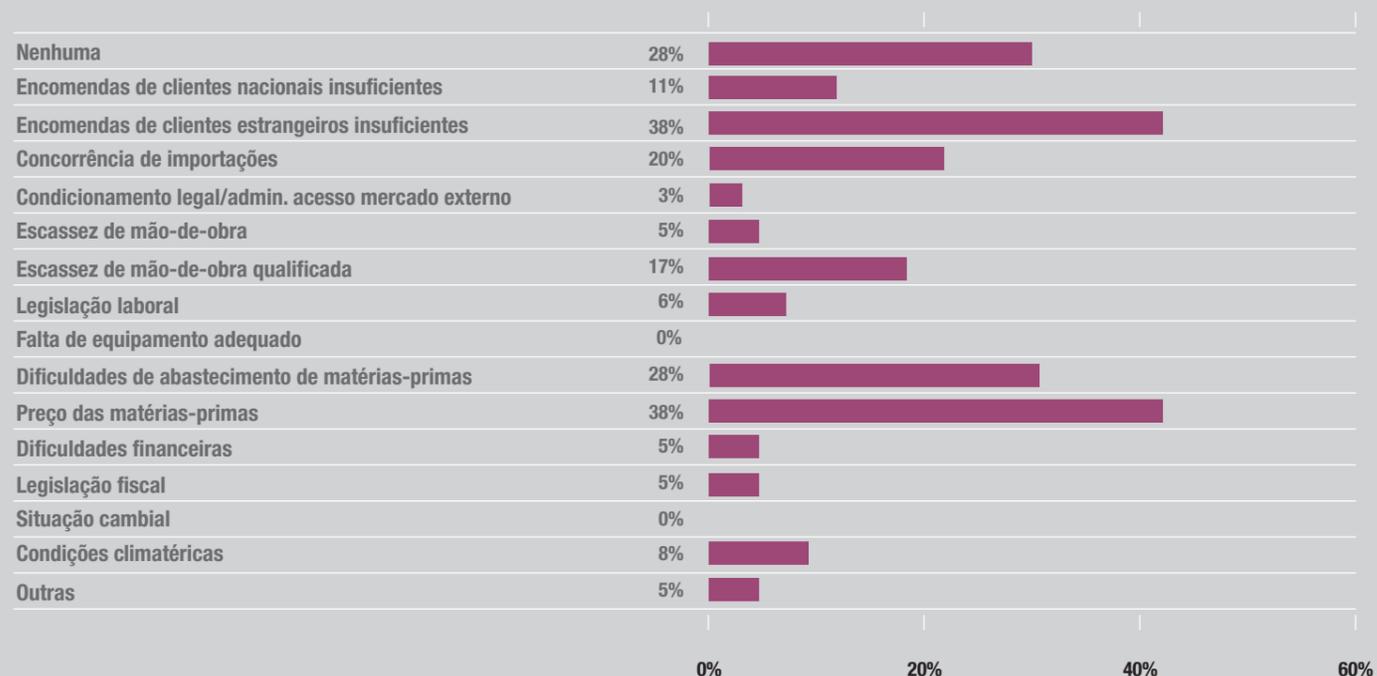
A percentagem de empresas que declararam não enfrentar nenhuma limitação voltou a aumentar, atingindo os 28%, o valor mais elevado dos últimos 4 anos. As empresas de maior dimensão, acima dos 250 trabalhadores, são unânimes na indicação de ausência de limitações. O caráter benigno da conjuntura reflete-se, também, na reduzida percentagem, apenas 5%, das que indicam enfrentar dificuldades financeiras.

Apesar de alguma insatisfação com a evolução da produção e das encomendas, patente em perguntas anteriores, a percentagem de empresas que afirmam ter-se debatido com insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros (39%) aumentou apenas ligeiramente em relação ao trimestre anterior. Em contrapartida, refletindo a reanimação da economia portuguesa, registou-se uma quebra acentuada nas referências à insuficiência de encomendas de clientes nacionais, limitação mencionada agora por

apenas 11% das empresas, o valor mais reduzido de sempre e cerca de metade do registado no trimestre anterior. A concorrência das importações é apontada como uma dificuldade por 20% dos inquiridos.

No contexto de algum abrandamento da produção, as referências a escassez de mão-de-obra caíram para apenas 5% mas, mesmo nesta situação, a escassez de mão-de-obra qualificada é referida por 17% das empresas. A nível dos fatores de produção, a principal preocupação da indústria incide, no entanto, nas matérias-primas: 28% das empresas queixam-se de dificuldades de abastecimento e 39% do seu preço. Estas dificuldades preocupam principalmente as empresas de menor dimensão.

Entre as restantes potenciais dificuldades, apenas as condições climáticas (8%) e a legislação laboral (6%) são mencionadas por mais de 5% das empresas inquiridas. Também estas referências proveem sobretudo de empresas de pequena dimensão.



2 - PERSPETIVAS PARA O 2º TRIMESTRE DE 2014

Tendências da produção

Depois de um primeiro trimestre que ficou aquém do esperado, as empresas manifestam-se otimistas quanto à evolução a curto prazo da produção: as que esperam que a produção no segundo trimestre aumente superam em 19

p.p. as que receiam uma redução. O otimismo é particularmente acentuado entre as empresas que menos se dedicam a coleção própria. A previsão maioritária (63%) é, no entanto, de que a produção permaneça inalterada.

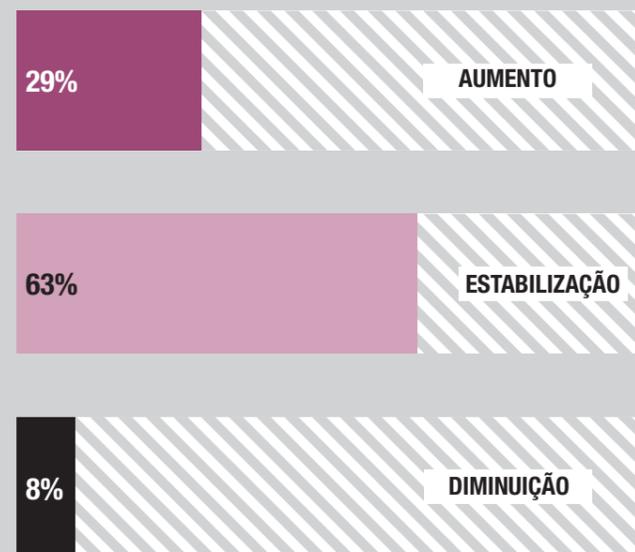


Perspetivas de encomendas

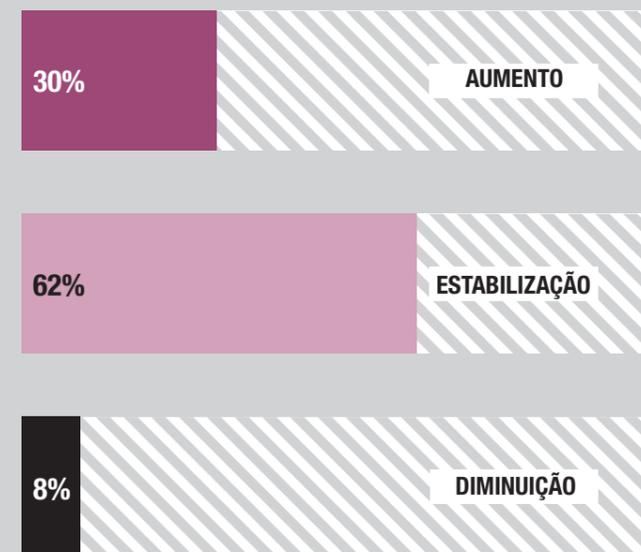
As previsões relativas à produção alicerçam-se em expectativas muito favoráveis quanto à carteira global de encomendas, em relação às quais as previsões de aumento superaram as de diminuição em 21 p.p. No caso das encomendas do estrangeiro, o saldo de respostas extremas é ainda um pouco mais elevado, atingindo os +22 p.p. O otimismo é comum às empresas dos vários

escalões de dimensão, orientação exportadora e aposta na coleção própria. Embora elevados, estes valores não se desviam significativamente do que é habitual no primeiro trimestre de cada ano. Em ambos os casos, um pouco mais de 60% das empresas preveem que a carteira de encomendas permaneça estável.

PREVISÃO CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



PREVISÃO CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTANGEIRO

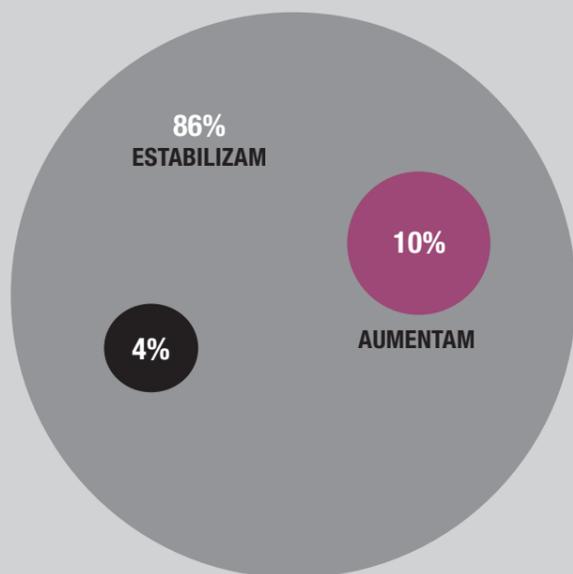


Perspetivas de preços de venda

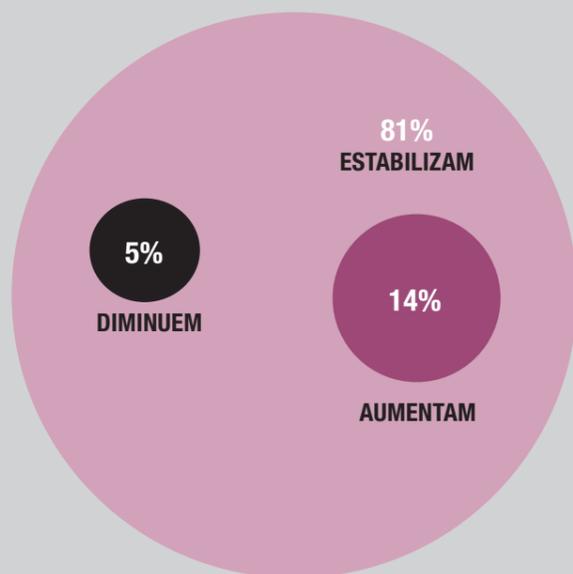
Uma larga maioria das empresas prevê que os **preços de venda** permaneçam inalterados, tanto em Portugal, como no estrangeiro. No entanto, em ambos os casos, as previsões de aumento superam as de diminuição. O saldo de respostas extremas atinge +6 p.p., para o mercado nacional, e +9 p.p., para o estrangeiro. A expectativa de subida

de preços é mais forte entre as empresas que vendem exclusivamente coleção própria do que entre as restantes.

PREVISÃO DE PREÇOS EM PORTUGAL

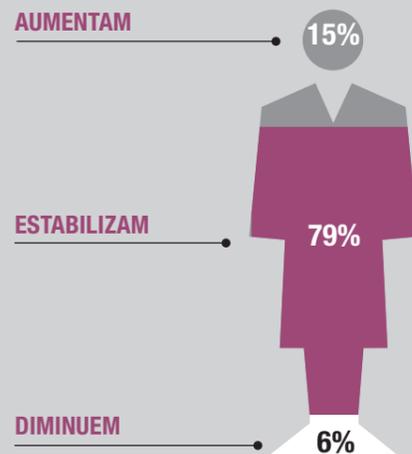


PREVISÃO DE PREÇOS NO ESTRANGEIRO



Perspetivas sobre o emprego

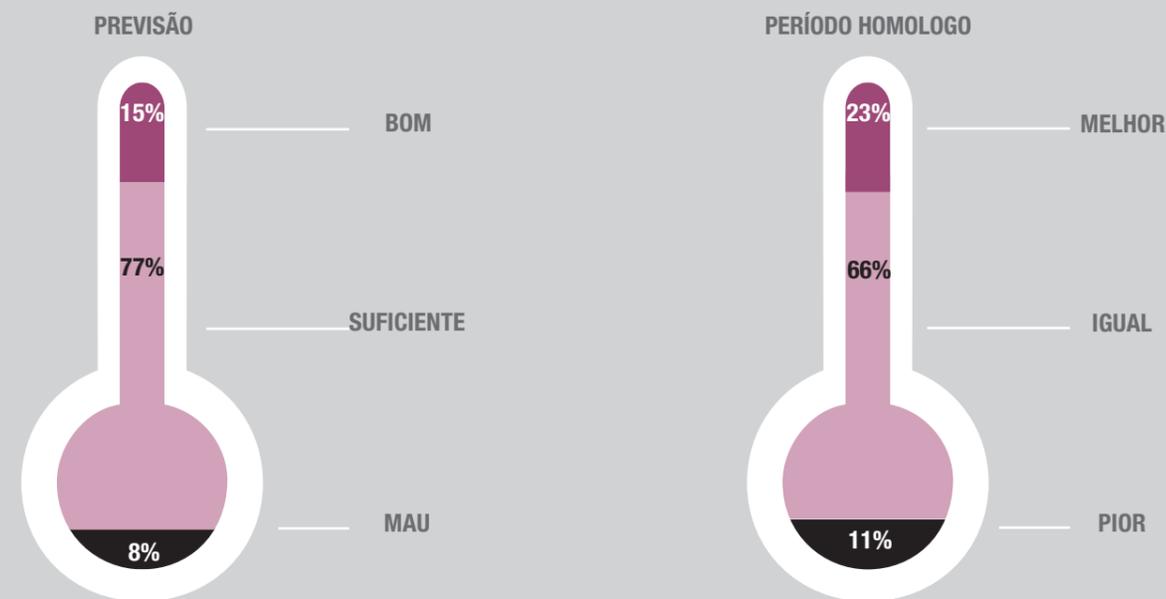
No próximo trimestre, o **emprego** na indústria de calçado deve continuar a evoluir positivamente: as empresas que esperam que aumente superam as que preveem a sua diminuição em 9 p.p., o que é o resultado mais elevado desde que se realiza este inquérito. No entanto, tal como no trimestre anterior, quatro em cada cinco empresas acreditam que o seu nível de emprego não se alterará.



Perspetiva sobre o estado dos negócios

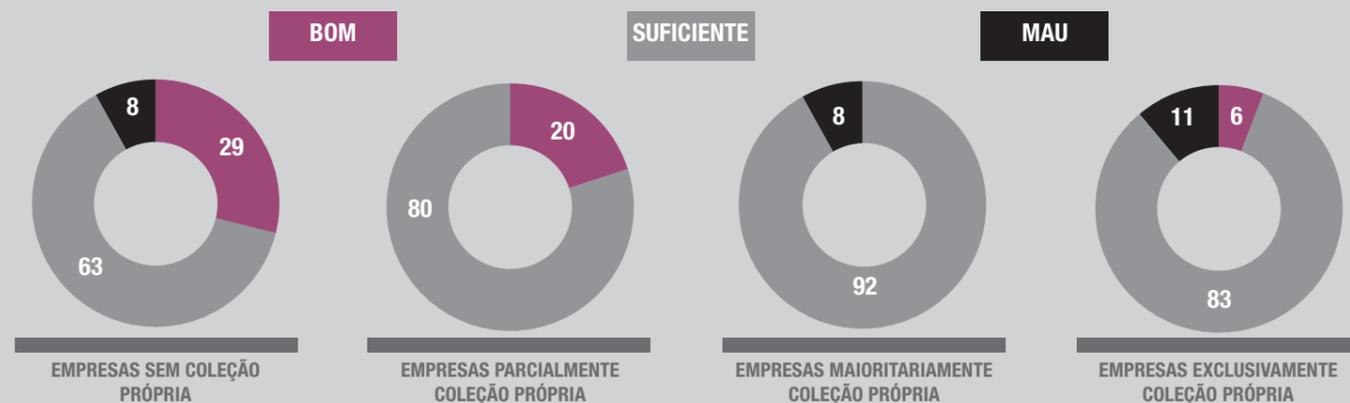
As respostas às questões anteriores refletem-se em expectativas favoráveis para o estado dos negócios: as empresas que acreditam que o segundo trimestre será bom superam em 7 p.p. as que receiam que seja mau. A larga maioria das empresas (77%) acredita, contudo, que o estado dos negócios será apenas suficiente.

Por outro lado, dois terços das empresas preveem que o estado dos negócios no próximo trimestre seja idêntico ao do segundo trimestre de 2013 mas as que pensam que será melhor são mais numerosas do que as que julgam que será pior (s.r.e. +12 p.p.), apontando para que a conjuntura continue a evoluir positivamente.



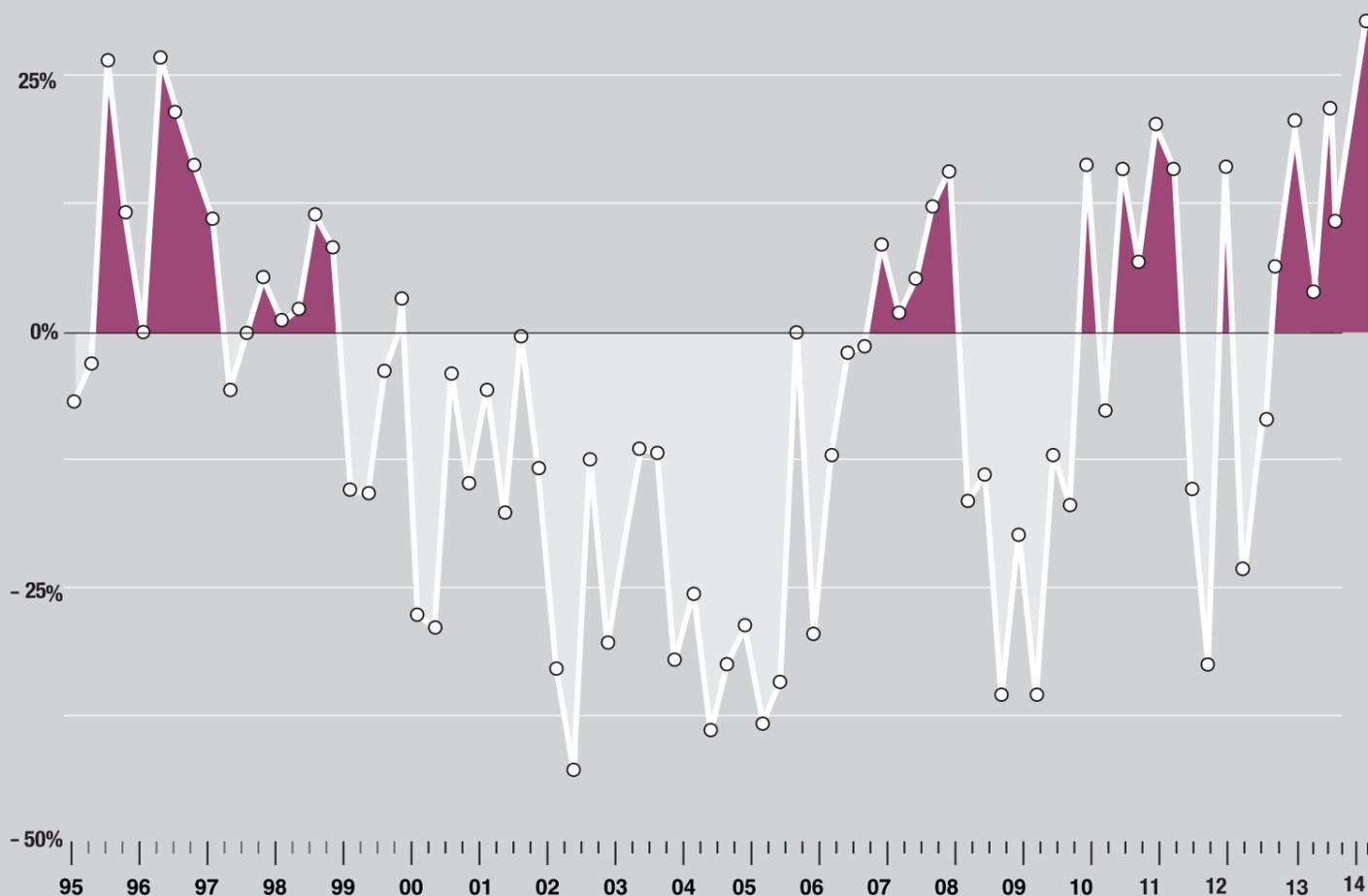
Apuramento dos resultados

Tal como aconteceu na maioria das respostas ao longo deste inquérito, as perspetivas quanto ao estado de negócios são mais favoráveis entre as empresas que se dedicam predominantemente ao fabrico de coleções de clientes. Entre as empresas que vendem sobretudo coleção própria, embora a larga maioria espere que o estado dos negócios seja suficiente, o saldo de respostas extremas é negativo.



Indicador Síntese Expectativas Empresariais

As previsões favoráveis formuladas pelas empresas nas várias questões anteriores, refletem-se num forte crescimento do indicador síntese de expectativas empresariais que atinge um valor de 29 p.p., o mais elevado que já registou.



Para o próximo trimestre, as respostas das empresas inquiridas apontam para um agravamento das limitações relacionadas com o preço das matérias-primas que, com 45% de referências, é a principal preocupação da indústria. Apontam igualmente para o agravamento das limitações decorrentes de insuficiência de encomendas de clientes nacionais (14%), depois da bonança verificada no primeiro trimestre, e da escassez de mão-de-obra (8%) e de mão-de-obra qualificada (22%).

Em contrapartida, as empresas esperam um abrandamento das dificuldades relacionadas com a insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros (35%) e com as condições climáticas (3%). Embora sem alteração, as dificuldades de abastecimento de matérias-primas (28%) e a concorrência de importações (20%) devem manter-se entre as principais limitações. As empresas que esperam não enfrentar nenhuma limitação (25%) são um pouco menos do que as que disseram não as ter enfrentado no primeiro trimestre.

Notas de Conjuntura

A economia internacional continua a dar sinais de uma evolução positiva. De acordo com as mais recentes perspetivas económicas do Fundo Monetário Internacional:

“Em termos gerais, a atividade global fortaleceu-se e espera-se que continue a melhorar em 2014-15, com a maioria do ímpeto a vir das economias avançadas. Contudo, a inflação nestas economias ficou abaixo das projeções refletindo gaps do produto ainda acentuados e as recentes quedas de preços de commodities. Em muitas economias de mercados emergentes, a atividade desapontou, num contexto financeiro externo menos favorável, ainda que continuem a contribuir com mais de dois terços do crescimento global. Espera-se que o crescimento do seu produto continue a ser puxado por exportações mais fortes para as economias avançadas. Neste contexto, houve alguma diminuição dos riscos negativos identificados nos relatórios World Economic Outlook anteriores. Há três reservas: os riscos nos mercados emergentes aumentaram, há riscos para a atividade decorrentes de uma inflação inferior ao esperado nas economias avançadas e os riscos geopolíticos reapareceram. No conjunto, o balanço dos riscos, embora melhorado, permanece negativo.

Olhando para o futuro, prevê-se que o crescimento global se fortaleça de 3 por cento em 2013 para 3,6 por cento em 2014 e 3,9 em 2015 (...). Nas economias avançadas, espera-se que o crescimento aumente para cerca de 2¼ por cento em 2014-2015, uma melhoria de cerca de 1 ponto percentual comparando com 2013. (...) Prevê-se que o crescimento seja positivo mas variado na área euro: mais forte no seu núcleo mas mais fraco nos países com dívida elevada (tanto pública, como privada) (...)

Fundo Monetário Internacional, World Economic Outlook, abril 2014¹

A troika completou recentemente a 12ª e última avaliação ao programa de ajustamento português. De acordo com a declaração conjunta da Comissão Europeia, do Banco Central Europeu e do Fundo Monetário Internacional:

“A recuperação económica está a acentuar-se. As exportações continuam a impulsionar o crescimento económico, enquanto o investimento e o consumo privado começaram também a recuperar. O desemprego deverá continuar a diminuir, em consonância com a recuperação económica moderada prevista para 2014 e 2015. Os objetivos em matéria de défice orçamental de 4% em 2014 e 2,5% em 2015 foram reafirmados. (...) A estabilização do setor bancário prosseguiu, mas as condições de financiamento da economia permanecem difíceis. (...) O acesso ao crédito bancário a um custo razoável é ainda limitado para empresas viáveis mas fortemente endividadas, nomeadamente pequenas e médias empresas. O acesso de Portugal aos mercados da dívida soberana melhorou acentuadamente num contexto de forte procura por parte dos investidores e de acentuada descida das taxas de juro. (...) O programa está no bom caminho para o seu termo, na sequência da conclusão desta avaliação final.”

CE, BCE e FMI, Comunicado de imprensa n.º 14/193, 2 de maio 2014

O governo português apresentou recentemente o Documento de Estratégia Orçamental 2014-2018. De acordo com as projeções macroeconómicas subjacentes, este ano, a economia portuguesa deverá crescer 1,2%. O ritmo de crescimento aumentará progressivamente, atingindo 1,8% em 2017. Este crescimento deverá permitir uma gradual redução da taxa de desemprego que cairá para 15,4% este ano, diminuindo depois até 13,2% em 2018. Apesar do crescimento económico e da redução do desemprego, o consumo privado deverá ter um crescimento muito modesto, da ordem dos 0,8% ao ano.

Os mais recentes indicadores de conjuntura confirmam uma tendência de recuperação da economia portuguesa. Diz o INE que “A taxa de desemprego estimada para o 1º trimestre de 2014 foi 15,1%. Este valor é inferior em 2,4 pontos percentuais ao estimado para o trimestre homólogo de 2013 e em 0,2 pontos percentuais ao estimado para o trimestre anterior.” De acordo com a mesma fonte “O indicador de confiança dos consumidores aumentou ligeiramente em abril, mantendo o acentuado movimento positivo observado desde o início de 2013 e registando o valor mais elevado desde dezembro de 2009. O indicador de clima económico aumentou de forma ténue no mês de referência, prolongando o perfil ascendente iniciado em janeiro de 2013.”

¹ Tradução nossa

**PORTU
GUESE
SHOES**
DESIGNED BY
THE FUTURE

